

A CRÍTICA À MODERNIDADE EM WALTER BENJAMIN E EM GILBERTO FREYRE: A QUESTÃO DA MASCULINIDADE E DA PROSTITUIÇÃO

A criticism of modern in Walter Benjamin and Gilberto Freyre: a question of manhood and prostitution

Matheus de Mesquita e Pontes¹

Resumo

Walter Benjamin e Gilberto Freyre questionaram durante o século XX as consequências da modernidade liberal burguesa em seus espaços de vivência, propondo uma nova égide e agentes protagonistas na construção da sociedade desejada: a classe trabalhadora para Benjamin, numa Europa que principiava uma nova guerra, e, o nordestino e seu modelo patriarcal, num Brasil decadente e afeminado para Freyre. Apesar do fundo comum de oposição a modernidade, ao analisarem a sexualidade masculina e a prostituição, os referidos autores tiveram trajetórias de vida e em campos intelectuais distintos.

Palavras-chave: Modernidade. Walter Benjamin. Gilberto Freyre.

Abstract

Walter Benjamin and Gilberto Freyre questioned during the twentieth century the consequences of bourgeois liberal modernity in their living spaces, proposing a new aegis and agents protagonists in the construction of the desired society: the working class to Benjamin, in a Europe that was beginning a new war, and the Northeast and its patriarchal model, a Brazil decadent and effeminate for Freyre. Despite the common background of opposition to modernity, while examining male sexuality and prostitution, these authors had life intellectuals trajectories in different fields.

Key words: Modernity. Walter Benjamin. Gilberto Freyre.

Introdução

A modernidade entendida como o resultado do avanço das forças produtivas capitalistas, foi alvo de severas críticas por parte de uma intelectualidade emergente no transcorrer do século XIX até o eclodir das duas grandes Guerras na primeira metade do século XX. Tal crítica se opunha ao aprofundamento das desigualdades sociais entre as classes sociais, as transformações dos hábitos, as mudanças econômicas, aos nacionalismos com suas xenofobias e racismos, ao contexto belicoso etc. Por motivos distintos encontramos dois intelectuais críticos dessa modernidade, o filósofo alemão e judeu Walter Benjamin e o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre.

¹ Prof. do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológica de Mato Grosso – IFMT, Câmpus de Cáceres

A justificativa pela seleção dos autores passa pelos recortes temáticos em comum que ambos realizam perante a transformação do homem frente à modernidade e, em especial, o homem das elites, e, as novas relações e consequências entre a modernidade e os prazeres da prostituição. Para complementar o estudo sobre os intelectuais escolhidos utilizaremos as abordagens conceituais de *governamentabilidade* e *sujeitos infames* levantadas pelo filósofo Michel Foucault para compreender as distintas estratégias propositivas de sociedade esboçadas por Benjamin e Freyre.

Walter Benjamin: o uso de alegorias interpretativas e a crítica aos fetiches das mercadorias

Benjamin foi vítima da própria modernidade que prometia a continuidade linear e ininterrupta do progresso. Crítico da visão de mundo construída pelo positivismo e historicismo alemão que afirmava a vitória e dominação das elites dirigentes, alinhada na maioria das vezes com práticas de nacionalismo e xenofobia, Benjamin em “Sobre o conceito da História” (2008) - sob a influência do marxismo -, aponta sua contraposição ao acreditar na insurgência dos excluídos pelo progresso, em que o “sujeito do conhecimento histórico é a própria classe lutadora e oprimida [...], a classe vingadora que levará às últimas consequências a obra de libertação em nome de uma geração de vencidos” (2008, p. 16). Apesar dos setores marginais terem conquistado seu espaço nas páginas dos historiadores no final do século XX, a vitória e emancipação destes oprimidos não ocorreu. A não concretização da sua visão messiânica custou sua vida, pois na condição de judeu e opositor do governo fascista alemão, Benjamin trabalhando na França, se sentiu acuado com a invasão das tropas de Hitler sobre solo francês e em outras partes da Europa e, preferiu o suicídio a ser capturado.

Benjamin nas décadas de 1920 e 1930 integrou a denominada Escola de Frankfurt, foi crítico literário e realizou traduções de romances do francês para o alemão, como a obra *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust, e textos de Charles Baudelaire. Será por intermédio da literatura, com a instrumentalização de conceitos filosóficos, que Benjamin vai realizar suas críticas à modernidade e à concepção de progresso na lógica liberal capitalista.

Apropriando-se de representações dos romances de Baudelaire, Benjamin utiliza-se da imagem do *flâneur*, em vários de seus ensaios, para construir a alegoria de uma tipologia de homem burguês: sujeito entediado, que almeja explorar, conhecer e viver de forma plena os momentos fugazes que a modernidade e seu progresso poderiam lhe ofertar. O próprio

Baudelaire, assim como qualquer literato que aborda o urbano da sociedade contemporânea, seria um *flâneur*, pois todos almejam um panorama da cidade e das almas que a compõe. “A rua se torna moradia para o *flâneur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa” (1989, p. 35). Esse explorador do urbano tem um local preferencial: Paris, a capital da área da modernidade.

A capital francesa, do século XIX nos tempos do Segundo Império (1852-1870) de Napoleão III, é o principal objeto de interpretação de Benjamin como também de parte expressiva dos poemas de Baudelaire. Período em que o governo local aplica uma enorme repressão aos opositores e glorifica o progresso oriundo do desenvolvimento industrial, econômico e cultural, sendo Paris palco desse modelo pretensamente exemplar que atrai inúmeras exposições internacionais que são postas como universais. Para Benjamin, Paris é a capital do século XIX (2007, p. 40), a pioneira em adaptar o espaço urbano para o comércio² criando imensos *boulevards* (imensas passarelas ou galerias ao ar livre) que, para o autor, simbolizava *passagens*, seja no sentido literal do trânsito de pessoas como na passagem/transição do fim dos “resquícios” do antigo regime para a modernidade e seus novos ares de progresso.

É nas *passagens*³ que circula e realizam-se as compras de mercadorias. É nas *passagens* que se glorifica o novo esplendor da engenharia moderna. É nas *passagens* que o *flâneur* se torna um sujeito individualista em busca de desejos imaginários criados pelo fetiche do consumo de inúmeras mercadorias. É nas *passagens* que o sujeito se ilude com a modernidade e com seu progresso contínuo.

Nas *passagens* emerge a nova arquitetura que visa retratar o progresso científico e econômico. Aparece de forma inovadora o uso do ferro, do concreto e do vidro. A luz a gás da vida noturna a esse território. Para Benjamin um ambiente atraente, porém frio, sem alma e em processo de desumanização. Características que também moldam a identidade do *flâneur*, que não se apega ao passado e sempre espera algo novo deste espaço, pois este homem se ilude nas promessas do progresso ininterrupto.

As *passagens* se tornaram terreno fértil para criação das primeiras lojas de departamentos que temos na contemporaneidade. Tornaram-se o templo do consumo e do desenvolvimento da moda com suas estéticas para o consumo. Benjamin ironiza apropriando-

² No período citado, Paris vivenciou uma reforma urbana pensada e promovida por Georges-Eugène Haussmann, sob o pretexto de facilitar a circulação de pessoas e de higienização urbana.

³ *Passagens* (2007) é título de uma obra póstuma de Benjamin, que contém uma série de fragmentos textuais de sua produção teórica ao longo da vida, sendo que o livro está ordenado em seções temáticas.

se de uma vivência: “Poder da moda sobre a cidade de Paris num símbolo. Comprei um mapa de Paris impresso num lenço” (2007, p. 105).

A moda e sua estética criativa a serviço do capital é um fetiche para Benjamin. E o fetiche agrega um prazer imaginado que cria um valor não real na mercadoria, sendo que nesse valor agregado está à imaginação do possível prazer, como também, a alienação sobre o uso e o valor irreal do produto. Assim como o discurso falacioso e confortável do progresso linear da economia e da humanidade, a mercadoria também oferta a falsa ilusão de saciar desejos. A própria imagem do progresso elaborou suas estéticas e também era (é) um fetiche que esconde seu lado assombroso. Para Benjamin, nas *passagens* parisienses temos o mundo em *fantasmagorias*⁴. Representações que tenta se firmar como real, mas que não corresponde o concreto.

Como um caçador de desejos no novo universo que o circunda, o *flâneur* se envolve com o “submundo” da modernidade. Entediado em sempre buscar e tentar gozar do novo nas *passagens*, que nunca satisfaz sua felicidade de forma plena, o *flâneur* se retira estrategicamente para o espaço da boêmia em busca do jogo e, em especial, da prostituição. Acredita que num lance do jogo ou nos olhos de quem lhe vende o corpo ele possa encontrar o prazer almejado e prometido pelo mundo moderno. Nessa busca insana, novamente ele vivencia o fetiche, pois o jogo e a prostituição também se tornaram mercadorias com suas próprias estéticas que embriagam os sujeitos envolvidos para fora da realidade. Cria-se uma superstição, pois se acredita que,

[...] com os bolsos repletos, chama uma prostituta, e celebra uma vez mais em seus braços o ato com o número, no qual a riqueza, livre de toda gravidade terrena, lhe surgiu do destino como resposta a um abraço plenamente feliz. Pois no bordel e no salão de jogos está à mesma delícia, a mais pecaminosa: pôr o destino no prazer (BENJAMIM, 1989, p. 237-238).

A consolidação das *passagens* como projeto arquitetônico para o consumo de mercadorias e para imagem da vitória da modernidade e seu progresso, expulsou as prostitutas, seja pela pretensa higienização do ambiente, como também para dar passagem às “mulheres de família”, que tomam os *boulevards* enquanto consumidoras de mercadorias. Porém, independente da condição da mulher, Benjamin visualiza uma erotização do feminino por intermédio da estética moderna. “Aqui a moda inaugurou o entreposto dialético entre mulher e mercadoria – entre o desejo e o cadáver” (2007, p. 101), e afirma que “No

⁴ Benjamin apropria-se do conceito de fantasmagoria do marxista György Lukács.

fetichismo, o sexo suprime as barreiras entre o mundo orgânico e inorgânico. Vestuário e joias são seus aliados” (2007, p. 107).

Para Benjamin a prostituição na modernidade é uma forma de mercadoria que cria estéticas próprias. A diferença com outros autores que abordam o tema, é que ele afirma que o fetichismo da moda aliada à prática da prostituição - como venda de ilusões afetivas do prazer - elabora “um mercado de tipos feminismos” (1989, p. 271). Uma fantasmagoria masculina que institui tipos ideais de mulheres.

Sobre a prostituição, Benjamin vai além da venda do corpo, seus fetiches e possíveis prazeres, ele intercala o tema no campo da falsa venda de ilusões no futuro promissor da modernidade capitalista. Para o autor, em “*Sobre o conceito de História*” (2008), quando o historiador positivista ou historicista vende a ilusão do progresso infundável ele está vendendo um falso prazer ou conforto com o futuro, que em si é um ato de prostituir o seu saber e a ciência. No mesmo patamar estaria a social democracia e, em especial a alemã do pós-Primeira Guerra, que vendeu/prometeu a classe trabalhadora e demais setores oprimidos as benesses do progresso com reformas sociais rumo ao socialismo, ilusão que não foi cumprida e abriu espaço para ascensão do fascismo, o Governo de Hitler, e dos germes de uma nova grande guerra.

Gilberto Freyre: A modernidade industrial e urbana como destruidora do passado e do futuro da sociedade brasileira

Gilberto Freyre é do nordeste brasileiro oriundo do Estado de Pernambuco. Filho de família abastada, teve oportunidade de realizar seus estudos nos EUA e na Europa, chegando a ter contato com o antropólogo Franz Boas que o influenciou em várias de suas pesquisas. Teve atuação política no Brasil se opondo ao primeiro Governo de Getúlio Vargas (1930-1945), foi Deputado Constituinte em 1946 pela União Democrática Nacional (UDN) e apoiou o Golpe Militar de 1964, além de ocupar ao longo da vida diversos cargos públicos comissionados. Porém, seu grande legado foi de ser considerado um dos principais intérpretes da identidade nacional brasileira, sendo que em inúmeros livros, ensaios e em artigos para jornais, ele era um feroz crítico aos efeitos da modernidade nos hábitos políticos, sociais e culturais da sociedade brasileira contemporânea.

Em contraposição ao Movimento Modernista brasileiro, que teve seu ápice em 1922 com a Semana da Arte Moderna em São Paulo, Freyre e outros intelectuais do nordeste brasileiro, que giravam em torno do jornal *Diário de Pernambuco* do Recife, organizaram o

Primeiro Congresso Regionalista em 1926. Nesse evento Freyre lança o seu “*Manifesto Regionalista*” e defende que a região dos velhos engenhos e da produção canavieira ao norte do território brasileiro é o berço da cultura e das boas tradições do povo brasileiro, lugar que deve ser sacralizado, pois dali nasce e passa o destino manifesto da nação. Na prática o sociólogo e parte das elites e da intelectualidade local estavam a estimular uma polarização com a região sudeste brasileira, que naquele momento controlava politicamente a máquina estatal brasileira e a vida econômica do país, através do café e da crescente indústria e urbanização de São Paulo.

Do Primeiro Congresso Regionalista não emerge grandes mudanças no contexto sócio histórico do Brasil, mas foi peça chave para consumir um imaginário de unidade política e territorial dos Estados da federação situados na região leste, mais ao norte do Brasil, que passará a ser denominada de Nordeste⁵. Sendo que o sujeito que nasce na região é posto como o guardião da pureza da formação do povo brasileiro, seja no entrecruzamento das raças – índio, branco e negro -, como no modelo exemplar em suas relações sociais. Esses indivíduos serão denominados de *Nordestinos*. Sujeitos rústicos, que domam a brutalidade da natureza local e seu clima escaldante. Sujeitos que serão vistos como fortes, viris e extremamente masculinizados, incluindo nesse bojo até as mulheres.

No início da década de 1930, exilado em Portugal, Freyre escreveu sua principal obra, “*Casa-grande & senzala: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*”, em que o próprio autor definiu como texto germinal para suas futuras obras que abordaram a identidade nacional brasileira. Neste livro ele desenvolve a concepção que a sociedade brasileira colonial se ergueu através do modelo da família patriarcal, em que o homem mandatário da família – normalmente o proprietário de engenho na região nordeste – gerenciava as relações sociais e de trabalho de um conjunto de sujeitos vinculados a sua unidade produtiva: escravos, agregados, parentela, pequenos agricultores e artesãos que lhe prestavam serviços etc. Nesse universo em que o patriarca branco de origem europeia administrava o engenho, a casa grande e a senzala, ocorreu o advento da miscigenação racial, dos hábitos sociais e culturais do povo brasileiro. Seria o momento do emergir – da origem – identitária, sobre a força do ser masculino mais forte e desenvolvido.

A sociedade brasileira para Freyre nasce do núcleo da família patriarcal do homem de engenho. Um ato colonizador do português europeu que em torno do seu empreendimento na colônia vai “civilizando” a selvagem natureza local e as outras duas raças que vão compor

⁵ Os nove Estados da federação que compõem a denominada região Nordeste são: Maranhão, Sergipe, Piauí, Rio Grande do Norte, Ceará, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Bahia.

a formação brasileira: o índio com sua alegria e cordialidade quase infantilizada e do negro com sua força criativa e pervertida. O homem branco em sua saga colonizadora, estende sua experiência familiar para a formação do espaço público, estendendo assim, sua soberania e autoridade. Na construção das teias interativas entre os senhores de engenho e suas famílias, nasce o protótipo do gerenciamento estatal brasileiro.

Em 1957, Freyre publica o livro “*Ordem e Progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre*”, em que ele acusa a modernidade e o discurso do progresso de destruírem a principal pilastra da sociedade brasileira: a família patriarcal. Tal perspectiva, segundo o autor, foi potencializada com o pretenso progresso prometido pela República ao substituir o Império com seu grande patriarca, D. Pedro II.

O principal exemplo desse progresso conservador estaria em São Paulo, com sua urbanização e suas indústrias. Para Freyre a cidade é um lugar não familiar e, é um dos principais vetores da crise da sociedade patriarcal, assim como do desarranjo das forças produtivas do campo – que deu vida e riqueza ao Brasil – em detrimento do urbano. Na cidade, influenciada pelos modismos vindo da Europa, Freyre visualiza uma sociedade que caminha para horizontalidade ou para o findar dos gêneros, em que o homem perde sua masculinidade e a mulher se masculiniza (1962, 1º Tomo). Além disso, um espaço que desrespeita o passado e a moral formadora da sociedade brasileira, seja com a destruição dos antigos casarões e vielas sobre a pretensão da higienização, como na ousadia feminina em reivindicar a atuação no espaço público que outrora era dominado pelos homens.

Em síntese para Freyre, a sociedade brasileira sem a força masculina do patriarcado tende a cair no colapso, fato que é evidenciado pelas constantes rebeldias nas Forças Armadas (exemplo das revoltas na Marinha de Guerra e do Movimento Tenentista), os movimentos messiânicos no interior esquecido, o cangaço, e, as revoltas operárias e populares impulsionadas pelos imigrantes europeus nos grandes centros urbanos que, em sua visão, substitui o trabalhador nacional em nome de um falso desenvolvimento (1962, 2º Tomo, p. 720-740). Radicalizando, Freyre deixa claro que o progresso republicano é uma feminização da sociedade, sendo o urbano e, em especial São Paulo, o eixo radiador dessa perspectiva (1962, 1º Tomo).

Na nova cidade industrializada e afeminada, os costumes patriarcais dos tempos da Colônia e do Império vão perder sua virilidade. Novos hábitos vão entrar em cena e, dentre eles, Freyre também aponta o jogo e a prostituição. Para o autor a cidade também é um espaço

individualista, pois estimula o sujeito a desejar a obtenção rápida de riquezas e prazeres. Isolado e deslocado de seu mundo de origem – o campo – o homem entra em depressão e procura o alcoolismo e seu “irmão”, a jogatina, elementos que levam o desequilíbrio familiar, o suicídio e a perda da autoridade masculina, pois a mulher é empurrada/estimulada a se inserir no mundo do trabalho para ajudar no sustento do lar (1962, 1º Tomo, pp. 85-135).

Como se o jogo não bastasse, a vasta oferta perante a compra do prazer sexual – a prostituição - também leva o enfraquecimento da família patriarcal. Doenças sexualmente transmissíveis, redução dos índices de natalidade com as reduções das famílias, as explorações das mulheres por cafetões são alguns dos problemas levantados por Freyre. O autor ainda abordou que a questão cultural da sexualidade do brasileiro vivia uma transformação negativa, ao alegar que com a vinda das prostitutas europeias brancas o brasileiro passou a perder o desejo pela mulata, que em sua visão é um dos produtos mais belos e atraentes de nossa miscigenação. E, por outro lado, a mulata sentindo-se desvalorizada tenta se portar, se vestir e agir como as europeias, perdendo assim, seu charme e identidade enquanto mulher brasileira (1962, 1º Tomo, pp. 85-135).

Os prazeres mundanos estimulados pela modernidade levam a impotência do homem e da nação brasileira. São estimulantes para a vadiagem em contraposição ao trabalho. Deixam as mulheres reféns, pois não detêm a tutela e segurança do homem mandatário. Os filhos da promiscuidade urbana, não encontram segurança na família se tornando meninos de rua. A culpa do colapso diagnosticado não é da prostituição ou da mulher para Freyre, mas das falsas ilusões propagandeadas pelo progresso prometido pela República brasileira.

Consideração Finais

A necessidade da insurgência dos homens infames pela modernidade: as proposições de Benjamin e Freyre para fazer emergir uma nova governamentalidade

Benjamin e Freyre não podem ser colocados no mesmo campo intelectual e de práxis. A convergência da crítica feita ao progresso defendida pela modernidade capitalista, se diferencia entre os autores no campo teórico e na proposição de soluções para superar os impasses diagnosticados. A seleção dos temas para realizar a crítica à modernidade: a figura da masculinidade, a prostituição, o jogo e até mesmo a arquitetura da cidade, também é uma convergência entre os autores, porém as formas da abordagem são distintas.

Outra situação semelhante entre Benjamin e Freyre, é que ambos apontam grupos sociais marginalizados pelo progresso como agentes primordiais para superar a própria modernidade degradante: a classe trabalhadora para Benjamin e o nordestino e seu tradicional modelo de vida para Freyre. A modernidade e o progresso podem até existir desde que não seja nos marcos do capitalismo liberal e, que seus conceitos e padrões morais, sejam refeitos pelos novos heróis marginalizados.

O filósofo Michel Foucault, em seu ensaio “A vida dos homens infames” analisa que o iluminismo e posteriormente o surto da crença no progresso linear e infundável, fez apagar da história os sujeitos que não se adequavam aos padrões da “normalidade” imposta pela modernidade. Seus hábitos, costumes, práticas cotidianas que não se adequaram aos novos tempos foram marginalizadas ou postas no limbo do esquecimento. A prática da vigilância e da punição aos transgressores foi ressaltada. Porém, a resistência dos dominados com suas táticas, permaneceu e permanece no seio da sociedade. Foucault em outro ensaio, denominado de a “Governamentalidade” afirma que os administradores da modernidade e, seus Estados nacionais, criaram estratégias para submissão das leis e políticas de estado, sendo que pós-século XVIII a família foi o espaço privilegiado para essa ação. A governamentalização do mundo ocidental passou pela crença pastoral de matriz cristã para impulsionar o engajamento coletivo, fato que potencializou a imagem soberana do Estado, através do nacionalismo e da formação/invenção de pretensas identidades; passou pelas técnicas de convencimento, sejam diplomáticas, afetivas ou militares; e, pelo policiamento coletivo para manutenção dos novos hábitos. Nesse contexto os homens infames são apagados, isolados e até mesmo, em alguns casos, exterminados em nome do progresso.

Benjamin e Freyre, em suma, se aproximam da leitura de Foucault perante a modernidade. A diferença é que eles desejam e acreditam numa nova *governamentalidade* que parta de grupos sociais que não são dominantes naquele momento. O que na prática poderia gerar os mesmos constrangimentos denunciados por Foucault, mudando apenas os agentes que a administram.

Para Benjamin a derrota sobre o fetiche da mercadoria é a derrota da alienação. Mecanismo que abre caminho para os vencidos na ordem da modernidade escreverem e realizarem sua própria história. Influenciado pelo marxismo, o autor é teleológico e, em sua fé messiânica, acredita que o próprio progresso impulsiona dialeticamente sua dominação e suas potenciais crises que levam a derrocada. Nesse momento de vitória que vira pelas mãos da

“classe vingadora”, o progresso será viável, mas em outros marcos a serem delineados pelos trabalhadores.

Freyre imagina e defende um progresso sustentado nas pilastras da família patriarcal, com um governo forte e viril que mantenha a verdadeira ordem no país. Não é por acaso que ele apoiou o Golpe Militar de 1964. O autor nunca escondeu sua visão positiva sobre as Forças Armadas como a boa guardiã da ordem e dos bons costumes brasileiros. Freyre prefere um Brasil de economia agrária que subjuguie a cidade ao campo. Freyre deseja o seu modelo imaginário de homem do norte nas rédeas das famílias, da economia e na administração estatal. Seria a imagem do nordestino marginalizado pela República dos paulistas retomando aquilo que lhe é de direito de origem.

Freyre não é teleológico como Benjamin. Freyre e parte das elites nordestinas, como afirma o historiador Albuquerque Júnior (2003), são apenas saudosistas de um passado glorioso inventado/criado em suas interpretações sobre a origem identitária do povo brasileiro. Freyre e suas elites parceiras desejam, no plano do político, o poder da governança estatal e das governamentabilidades sociais, nem que para isso custe à elaboração de uma imaginário masculino exemplar para a nação: o nordestino.

Na proposição da vitória por intermédio de grupos sociais marginalizados, Benjamin e Freyre já criam, ou melhor, reafirmam a existência de novos sujeitos infames. A homogeneização dos marginais enquanto somente classe trabalhadora composta por homens, leva Benjamin a ocultar as mulheres e os desempregados na modernidade capitalista. Já Freyre e as elites nortistas quando criam o conceito de região Nordeste e homogeneizam de forma positiva todos os símbolos do homem da região – o nordestino e sua masculinidade – em torno da família patriarcal, eles não levam conta as diversas formas culturais e de organização social que mulheres e homens agem ou agiam na região nordeste brasileira.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR. **Nordestino uma invenção do falo**: uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió-AL: Edições Catavento, 2003.

BENJAMIN, Walter. **O Anjo da História**. Lisboa-Portugal. Assírio & Alvim, 2008.

_____. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Obras Escolhidas III. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

_____. **Passagens**. Belo Horizonte-MG: Editora da UFMG, 2009.

FOUCAULT, Michel. A “Governamentabilidade”. In: **Ditos & Escritos**. Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. A vida dos homens infames. In: **Ditos & Escritos**. Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Editora Global, 2004.

_____. **Manifesto Regionalista**. Recife-PE: FUNDAJ, Editora Massangana, 1996.

_____. **Ordem e Progresso**: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre. 1º Tomo e 2º Tomo. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1962.